Antônio da Silva Neto

Volvendo o olhar para trás, Reformador não pode deixar de trazer aos seus leitores uma biografia, ainda que sucinta e mal apresentada (por falta de maiores dados), da figura diligente e destemerosa de Antônio da Silva Neto, que precisamente há cinquenta anos, em 5 de setembro de 1905, abandonava seus despojos terrenos, enfileirando-se, na Pátria espiritual, entre os valorosos vanguardeiros da Terceira Revelação em terras do Brasil, pugnadores desassombrados da Verdade e do Bem.

Dividiremos este despretensioso trabalho em duas partes, correspondentes às duas fases da vida daquele que rememoramos, embora uma seja a continuação, sem sobressaltos, da- outra, a primeira não desmerecendo, de nenhum modo, a segunda. Foi Silva Netto sempre o cidadão reto e bom que o Espiritismo esclareceu ainda mais.

Estudo geral do homem:

Na antiga província da Bahia, na Vila Viçosa (hoje Marobá), atualmente fazendo parte do Município de Mucuri, soltava os primeiros vagidos, a 26 de outubro de 1836[1], um descendente de Francisco José da Silva Netto, o qual, dias depois, seria batizado com o nome de Antônio da Silva Netto.

O garoto cresceu e, chegado à idade escolar, como revelasse atividade e inteligência, iniciou o aprendizado das primeiras letras, prosseguindo nos estudos até que em 1854 veio a ingressar no primeiro ano da antiga Escola Central do Rio de Janeiro, situada no Largo de S. Francisco de Paula[2].

---

[1] Esta e a data que o próprio Silva Netto dá para o seu nascimento, segundo a carta dele publicada em "Reformador" de 1905, pág. 293. Contudo, no Livro do Registro de Diplomas e Títulos da Escola Central do Império, folhas 9, ele 6 dado como tendo vindo §, luz no ano de 1835, ano este que se repete nos dizeres inscritos no nicho 7 do columbario nº 1 existente no Cemitério do Realengo, columbario para onde seus restos foram transportados em 1917.

Infelizmente não possuímos documentos positivos que poderiam dirimir essa questão.

[2] Eis, para maior clareza, a evolução dessa Escola. Criada em 4-12-1810 com o nome de Academia Militar, passou a denominar-se Escola Militar em 14-1-1839. Um Decreto de 8-3-1842 ali estendeu o ensino aos civis. Vários projetos converteram-na afinal, em 1858, na Escola Central. Uma lei de 24-5-1873 realizou a separação do ensino civil e militar, nascendo a Escola Politécnica, que, em virtude de outra lei, datada de 5 de julho de 1937, tomou a denominação conservada até hoje — Escola Nacional de Engenharia.

Sentou praça de pré no Batalhão de Artilharia a pé ali pelo ano de 1856, enquanto continuava o seu curso que atualmente se denominaria de Engenharia Civil.

Após anos de porfiados estudos, o então diretor da Escola Central, o Dr. Pedro d'Alcântara Bellegarde, Brigadeiro do Exército e do Conselho de S. Majestade o Imperador, conferia-lhe o gran de Bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas. Seu diploma, conforme documento existente no Arquivo da atual Escola Nacional de Engenharia, foi registrado a 26 de março de 1860. Terminada uma luta, iniciava-se uma outra, mais árdua, mais gloriosa.

O jovem recém-formado, amante extremado de sua Pátria, achava-se imbuído das ideias liberais e abolicionistas que naquele tempo apaixonavam a alma da mocidade. Tivera, além do mais, por mestre, o talentoso e insigne estadista baiano, Silva Paranhos, o futuro Visconde de Rio Branco, que na Escola e fora dela se batia pelos mesmos ideais de liberdade.

O ex-aluno não se intimidou em enfrentar a vida. Inteligente, logo pôs em pratica os seus conhecimentos, exercendo condignamente a profissão de engenheiro. Residia, então, no velho bairro de S. Cristóvão.

O seu espirito, contudo, não se desligou dos problemas que sempre estudara com vivo interesse e que na época agitavam os meios culturais e políticos do Brasil, prendendo de perto as consciências livres e destemidas.

E' assim que em 1861, com apenas vinte e cinco anos de idade, o Dr. Antonio da Silva Netto dava a lume, pela Tipografia do Comercio, de Brito & Braga, um folheto de 15 páginas, intitulado «Ligeiras Reflexões Políticas».

Esse trabalho, oferecido, no prefacio datado de 15 de abril de 1861, ao impávido político brasileiro Teófilo Benedito Ottoni, liberal dos quatro costados, e uma espécie de convite a Política para a adoção das ideias liberais, contra as ideias conservadoras. Escreve Silva Netto com ilustração e logica, e termina sua pretensão com essas palavras, nas quais trasvasa o seu entusiasmo pelo partido liberal:

«O Brasil, possuindo uma natureza propicia ao progresso, podia ter caminhado na senda do desenvolvimento moral e material das sociedades modernas, se a inteligência e a moralidade o guiassem sempre, desde o princípio da independência.

Não são os poucos anos de sua existência a causa fundamental de tanto atraso, e sim os erros muitas vezes intencionados dos que lhe tem dirigido os negócios.

«Possam os esforços da escola liberal triunfar da política governamental.

«Seja o País entregue ao governo da HONESTIDADE INTELIGENTE. »

Parte desse folheto, como informa o Autor na «Advertência», tinha sido publicado no «Diário do Rio de Janeiro», com o título — «Considerações Sociológicas». Os aplausos a esses artigos jornalísticos de Silva Netto e que o animaram a reuni-los, com acrescentamentos, no mencionado folheto, para mais larga difusão.

Três anos mais tarde, em 1864, a Tipografia Perseverança, do Rio de Janeiro, fazia aparecer outro trabalho do Dr. Antonio da Silva Netto.

Diferente era agora o assunto, mas prendendo--se ainda a interesses que poderiam contribuir para o progresso de nossa terra.

Nesse novo folheto, de 16 páginas, com o título — «Fórmula mais efetiva para a solução dos nossos Bancos de emissão», reeditado em 1865, o culto Autor revela seus profundos conhecimentos de economia política e finanças, que estudara em inúmeras obras, entre as quais a do então conhecido economista inglês H. N. Macleod, que o Visconde de Sousa Franco, reputado financeiro, lhe havia indicado.

Bate-se Silva Netto pela criação de bancos de credito territorial para auxilio direto aos nossos agricultores, porque no desenvolvimento da lavoura e — segundo ele — que estava a salvação do País.

A exposição da interessante tese e feita com argumentos incisivos e demonstrações matemáticas, não se apresentando como simples teorização sem utilidade pratica.

O «Diário do Rio de Janeiro», em seu número de 28 de outubro de 1864, apresentava aos leitores uma síntese desse patriótico e bem elaborado trabalho. Somente mais tarde, porem, e que foram criados os bancos agrícolas, que tanto benefício tem trazido ao progresso da Agricultura nacional.

A emancipação dos escravos existentes no Brasil foi um dos assuntos mais debatidos na Imprensa e no Parlamento, desde 1851.

Como em toda questão, havia duas correntes antagônicas a se hostilizarem; os conservadores escravocratas e os abolicionistas parciais e radicais. Muitos projetos de emancipação foram rejeitados na Câmara. A luta intensificou-se bastante, a partir de 1865, com o projeto do senador baiano Jequitinhonha favorável a liberdade dos escravos. Tanto este, como os cinco apresentados em janeiro de 1866 pelo Ministro Pimenta Bueno, não foram tomados em devida consideração.

E' nesse ano de 1866 que Silva Netto faz aparecer seu primeiro trabalho com respeito a questão servil. Editado ainda pela Tipografia Perseverança, saiu a público os «Estudos sobre a Emancipação dos Escravos no Brasil», opúsculo de 46 páginas, dedicado aos «senhores fazendeiros».

Tendo sido, nos anos anteriores, verdadeiro advogado dos direitos e pretensões dos lavradores, era o seu nome conhecido por centenas destes, o que lhe aumentava a autoridade para falar-lhes de um assunto antipático a muitos deles.

Pequena parte dos «Estudos», principalmente o fim, foi citado na obra do famoso jurisconsulto Dr. Agostinho Marques Perdição

Malheiro — «A Escravidão no Brasil (Ensaio Hist6rico-Juridico-Social) », em Apêndice da Parte 3ª, pags. 157-158, publicada em 1867.

Silva Netto faz um resumo histórico da escravidão em todo o mundo, no passado e no presente; alinha alguns nomes de grandes personagens que concorreram para a emancipação em outros países, e o modo por que foi realizada; recorda o tráfico dos negros africanos, para dizer que apesar de extinto o nefando comercio no Brasil, ainda restava a praga da escravidão, perpetuada de pai a filho.

A seguir entra com raciocínios de fundo jurídico para provar que o direito de propriedade sobre o escravo e falso, tal como o faria mais tarde o grande Rui Barbosa, com demonstrar a ilegalidade da escravidão no Brasil.

«A escravidão — declarava Silva Netto, no mencionado opúsculo —, como figura nas nossas leis, e um direito de propriedade, porem a propriedade só deve subsistir de harmonia com OS princípios do justo e do honesto, quando a moral sanciona a apropriação.

«0 primeiro homem que se apropriou dos primeiros indivíduos, reduzindo-os a escravidão, teria praticado um ato de justiça e de moral?

Não haverá quem se preze de ser sério que mais diga sim. Ora, se a apropriação foi injusta, foi imoral, a propriedade que se transmitiu a no espaço e também, e todo homem bem-intencionado deve concorrer para que esse crime sancionado pela lei, crime em todos os seus efeitos pior que o roubo, desapareça do nosso código. »

Mais adiante dizia com imparcialidade: «o crime da escravidão existe em minha casa, existe na casa do meu vizinho, por todas as casas do Brasil. Esta horrenda enfermidade moral tem poluído a nossa própria organização física. E' o cancro roedor dos nossos costumes e dos nossos hábitos. »

E' analisada, a seguir, a situação dos escravos nas fazendas, o tratamento que lhes davam, aludindo-se aos castigos infringidos pela ação tirânica dos feitores e a toda uma serie de desumanidades.

Reprova veementemente esse estado de coisas, incompatível com o grau de civilização do século XIX, e argumenta que a força moral e o móvel mais eficiente para a correção e o ensino, frisando, ainda, que os «senhores» procurassem fazer dos seus escravos de hoje amigos de amanhã.

«A força moral —, continuava Silva Netto — e a mais poderosa alavanca que conheço para dirigir as corporações, e tanto mais eficaz quando e sabiamente aplicada aos espiritos pouco cultivados.

«Os castigos corporais não estimulam os homens, e os pretos, por serem escravos, não deixam de ser homens, entes racionais.

«Falo com experiência, portanto com alguma autoridade. Ainda mesmo que a franqueza de minhas palavras ofenda a consciência de alguns proprietários, com isso pouco me importo, porque nunca lisonjearei consciências impuras. »

No final do folheto que estamos percorrendo, seu Autor enuncia os meios aconselháveis para a extinção da escravatura no País, juntando a sua própria formula, que em primeiro lugar considerava livres os recém-nascidos de escravos, propondo para os demais uma emancipação gradual e sem nenhuma indenização do Estado aos proprietários, como muitos destes requeriam.

Na verdade, o que Silva Netto e todos os abolicionistas ansiavam era per uma abolição total de um dia para outro. Mas como a luta reacionária contra esse projeto era tremenda, procurava-se suaviza-lo com um programa de aspecto mais conciliatório.

Não obstante isto, o primeiro item da formula proposta per Silva Netto só recebeu sua consagração em 1871, na festejada Lei do Ventre Livre, assim mesmo após renhidas discussões na Câmara.

E' em 1868 — quando o ministério caiu em razão da tempestade que se desencadeara nas Câmaras contra a Fala do Trono, que ousara referir-se sobre a necessidade da emancipação do elemento servil —, e nesse ano tumultuoso que surge num livrinho de 108 páginas, impresso pela Tipografia Laemmert, Rio de Janeiro, novo trabalho de Antonio da Silva Netto, versando sobre o assunto em pauta, e intitulado: «Segundos Estudos sobre a Emancipação dos Escravos no Brasil».

E' outra obra em que o jovem engenheiro se bate com inteligência e denodo em defesa do escravo, propugnando a favor dos seus direitos e liberdades. Páginas bem documentadas, corroborando o profundo conhecimento que o Autor já tinha demonstrado sobre o assunto, trazem novas soluções viáveis para o importante tema de que tratava. Ademais, deixam transparecer a firme confiança que ele possuía, de um futuro menos cruel para a situação do escravo.

«Proclama o Cristianismo — escrevia ele - a igualdade entre os homens; não encontra a fisiologia diferença radical entre o homem branco, o homem vermelho e o homem preto; notam-se, simplesmente para a classificação zoológica, OS acidentes das cores; quer, no entanto, a sem razão de uma parte da Humanidade que a outra lhe sirva de móvel instrumento de trabalho.

«Quando mesmo houvesse vantagem em manter a escravidão dos negros, seria religioso continuar a esquecer o princípio posto pelo fundador do Cristianismo, prudente desconhecer as leis fisiológicas, moral transtornar os imutáveis princípios do justo e do honesto? Não, Deus não quer uma injustiça: as provas dão as ciências. »

E afirmava categoricamente: «Não tem a homem vantagem, não tem direito em escravizar outro homem. »

Mais além, dizia ainda Silva Netto: «Liberais históricos, católicos, querem prolongar indefinidamente a escravidão entre nós!... Erro fatal, fraqueza de razão. Sinto que pensem assim, lastimo que um distinto liberal, por quem nutro sincera simpatia, se tenha colocado na posição de não hostilizar a escravidão.

«No sentido moral, as provas amontoam-se sobre as provas, as conclusões são sempre — o homem não tem direito de ser senhor de outro homem. »

E rematando este trecho, deixava escapar esse grito de sua alma, entre revolta e angustiada: «Não está na consciência de toda esta verdade? »

Quem escrevia assim abertamente não era um político, um poeta, ou algum interessado, mas o dono de uma fazenda herdada de seus pais, onde havia também escravos, ou, mais propriamente, empregados de cor, que recebiam tratamento condigno com sua qualidade de homens, de seres livres, filhos do mesmo Deus que a todos criou iguais. Em verdade, na fazenda de Silva Netto já estava extinta a escravidão.

Tais fatos e os folhetos publicados acirravam contra o engenheiro o ódio de fazendeiros vizinhos, adversários da ideia abolicionista, e ele — como informa outro grande pioneiro do Espiritismo no Brasil: Manuel Fernandes Figueira (3) — viu-se mais de uma vez providencialmente salvo de capangas por aqueles assalariados para lhe tirarem a vida em emboscadas.

Nada, contudo, o fizera recuar, como bem denotam as palavras que inscreveu na Introdução datada de novembro de 1867 e pertencente ao trabalho que vimos analisando: «A escravidão terá em mim cada vez mais tenaz antagonista com o passar dos anos.

«Pode a mim a ignorância votar todo o seu ódio; as simpatias dos políticos escravistas me sejam retiradas; eu delas não precise, por isso que não julgo ser honroso representar meu pais sustentando a escravidão, ou pedindo longo prazo para a sua extinção. »

Outro escrito de Silva Netto, com igual objetivo, apareceu em 1869, impresso pela mesma Tipografia anterior. Era um folheto com o sugestivo título de «A Coroa e a Emancipação do Elemento Servil», vibrante libelo ainda contra o regime escravista então vigente no Brasil.

Brilhante histórico da matéria em apreço, argumentação solida e apoiada na moral do Cristo, observações cheias de senso, profundeza nos conceitos, nada deixa a desejar esse simples folheto, pequeno na contextura, mas notável em seu conteúdo. Nele, Silva Netto afirma, como que numa antevisão do future, que a escravidão não permaneceria até o findar do século XIX.

E noutro ponto, seu entusiasmo leva-o a apressar esse evento, conforme mostra esse trecho:

«Não só em relação a escravidão, como a todo este mau estado de coisas presentes, eu ouso conjecturar que a duração será breve, porque espero em Deus que aparecerão falanges de almas patrióticas, desconhecidas até hoje, impelidas pelo dever que ordena arcar com os preconceitos provenientes dos erros inveterados no País. E' esse o pressentimento que tenho, sempre que concentrado em mim percorro as páginas que encerram todas as nossas instituições, e sinto contristares-me o coração, vendo em cima do livro de uma natureza esplendida, como a do Brasil, códigos só dignos de serem oferecidos a povos que não tenham consciência dos benefícios da liberdade. »

O pressentimento de Silva Netto não demorou a cumprir-se: vultos de primeira grandeza brilharam afinal no palco da História brasileira, e tanto pela Imprensa, quanto pela Tribuna, des fecharam incendida luta contra a escravidão, destacando-se entre eles as figuras estelares de Jose do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Joao Alfredo, Ferreira de Araújo, Rodolfo Dantas, etc. Constituía esse punhado de almas patrióticas as falanges a que Silva Netto com tanta inspiração se referira no seu trabalho.

Por acaso, ou não se sabe por que mistérios cerebrinos, justamente a data que 19 anos depois traria a extinção da escravatura no Brasil, foi a que Silva Netto após no seu belo trabalho: «Corte, 13 de maio de 1869»!

Tudo quanto de importante Silva Netto poderia escrever sobre o problema da alforria dos escravos fora dito nos opúsculos citados.

Assuntos ligados a Lavoura ou Agricultura, que naquela época era o ouro do Brasil, e o e até hoje, prendiam também a atenção do espirito patriótico do engenheiro Silva Netto.

Além do folheto já mencionado, referente aos bancos de emissão, ele fez aparecer em 1876, pela Tipografia.de Domingos Luiz dos Santos, Rio de Janeiro, nova obra, de 43 páginas, denominada; «Escolas Agrícolas de Ensino Gratuito (Apelo dirigido a todos os Municípios da Província do Rio de Janeiro) ».

E, em suma, a apresentação de um plano para a criação, nos diversos municípios do Rio de Janeiro, de Institutes agrícolas, cuja utilidade Silva Netto procura demonstrar. Além disto, salienta, com argumentos e razoes convincentes, a necessidade inadiável de se fundar no Rio a primeira Escola normal de Agricultura, considerando-lhe a «grande importância para o futuro da Lavoura no Brasil».

Silva Netto não alinha apenas belas frases ao suscitar esses empreendimentos; ele vai ao fundo, examinando as dificuldades, apontando OS meios que possibilitariam a concretização do ideal.

Eis come ele concluiu esse escrito construtivo;

«Desejamos que da primeira Escola agrícola a Província do Rio de Janeiro partam as instruções, aos grandes e pequenos lavradores, sobre os métodos de tirar das plantações máximas colheitas; desejamos que dali se ensine a utilizar convenientemente o pouco e o muito capital; desejamos que, mesmo depois de velhos, OS plantadores do cafeeiro, em cuja cultura embranqueceram os cabelos, aprendam a plantar com preceito; desejamos, finalmente, que se legue aos vindouros uma pátria florescente pela agricultura, prospera pelo comercio, ilustrada pelas ciências, agradável pelo desenvolvimento das artes, guiada pelo esplendor da luz do Evangelho, crente pelo sentimento e fé em Deus.»

Silva Netto já era espirita, quando assim escrevia...

Em outubro do mesmo ano, 1876, ele mesmo se dispôs, no sentido de incentivar os grupos políticos a reflexão do magno problema supra referido, a dirigir uma petição a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, requerendo, em nome da Lavoura, se fundasse aqui a primeira Escola de Agricultura. Esse trabalho foi publicado pela

Tipografia anteriormente citada, com o título: «Requerimento a Assembleia Provincial do Rio de Janeiro».

Nesse folheto, de apenas 10 páginas, são indicados, com detalhados cálculos numéricos, OS meios pelos quais se poderia fazer o levantamento de capital para aquele tentame tão útil ao progresso do País. Todavia, só a partir de 1910 (!) a Nação hauria os benefícios do ensino agronômico, instituído pelo Governo.

O ideal republicano vinha reconquistando OS brasileiros, principalmente depois da Guerra dos Farrapos, em 1845, conforme nos diz Joaquim Nabuco.

O surto republicano de 1848, na França, constituiu mais um incentive para os nossos primeiros liberais exaltados ou republicos, que se contavam em maior número entre os militares.

Silva Netto também não esteve ausente a esse movimento histórico, que crescia ao lado do movimento abolicionista. Desde a vida estudantil recebera a semente dos ideais republicanos, destes se fazendo ardoroso propagandista.

Após a Guerra do Paraguai, praticamente terminada em 1868, a corrente republicana insufla-se de novo vigor, recrudescendo com o manifesto-programa do senador Nabuco, redigido em 1869.

A proclamação da Terceira República Francesa, em 4 de setembro de 1870, veio intensificar sobremaneira a propaganda republicana no Brasil, avivando nos espiritos liberais aquele ideal político.

Silva Netto vinha prestando seus serviços a Causa, ao lado dos mais ilustres vultos da Republica. Quando mais aceso se mostrava o movimento, um grupo dos mais destacados, no meio deles o nosso engenheiro, promoveu em fins de 1870 a fundação no Rio, a rua do Ouvidor n.º 29, de um Clube Radical, denominação logo mudada para Clube Republicano.

Como propriedade deste, surgia a 3 de Dezembro de 1870 o jornal A República. Estampado como artigo de fundo desse primeiro número, saia publicado o celebre "Manifesto — Aos nossos concidadãos", assinado por 58 ilustres republicanos históricos, como Joaquim Saldanha Marinho, Aristides da Silveira Lobo, Quintino Bocayuva (esses três formaram a comissão redatora do Manifesto), Jose Lopes da Silva Trovão, Salvador de Mendonça, Flavio Farnése e outros, como Francisco L. Bittencourt Sampaio e Antonio da Silva Netto, ambos um pouco mais tarde ingressados no Espiritismo.

O "Manifesto" expunha minuciosamente os motivos que determinaram a publicação da referida folha, motivos que diziam da orientação a que os republicanos obedeceriam em seu" programa.

Foi esse explosivo "Manifesto" que provocou em várias províncias do Império muitas adesões a campanha republicana, cujo número cresceu quando se soube do empastelamento d'A Republica, após haver este jornal dado a público o documento acima. Apesar desse atentado à liberdade de pensamento, reprovado pelo próprio

Imperador, A Republica prosseguiu até 28 de fevereiro de 1874, quando ficou suspensa a sua publicação.

Esse periódico foi redigido e colaborado por Bocayuva, Aristides Lobo, Salvador de Mendonça, Lafayette Rodrigues Pereira, Miguel Vieira Ferreira, Flavio Farnése, Pedro Meireles, B. Pamplona, Antonio da Silva Netto e alguns outros ilustrados republicanos. Da pena deste último são muitos os artigos, como o declarou Augusto Victorino Alves Sacramento Blake no seu grandioso "Dicionário Bibliográfico Brasileiro".

E como fazendo parte da Redação há, no editorial de 11 de Fevereiro de 1871, um carta dirigida a toda a Imprensa brasileira no sentido de, por meio de uma "subscrição popular", se obterem donativos e socorros para as vítimas da guerra, na Franga, editorial esse subscrito pelos redatores, na seguinte ordem: Quintino Bocayuva, Miguel Vieira Ferreira, Flavio Farnése, Antonio da Silva Netto, Lafayette Rodrigues Pereira, Aristides da Silveira Lobo e Salvador de Mendonça, todos eles eminentes vultos da nossa nacionalidade.

Na Republica de 17 de junho de 1871, em carta ao seu correligionário e amigo Salvador de Mendonça, Silva Netto pedia a inscrição no referido jornal de uma defesa de nossos cafezais.

Dizendo não haver escrito algum sobre tão importante ramo da Agricultura nacional, habilitava-se a disseminar, num livro, os seus conhecimentos a respeito. Para isso, apelava, por intermédio daquela folha, para que os lavradores enviassem as suas subscrições para o recebimento do volume, e isto porque ele sozinho não podia arcar com as despesas que se fariam necessárias.

"Se, porem, não consegui-lo — finalizava ele —, terei de abandonar a ideia, e neste caso (permitam-me a falta de modéstia) a lavoura do País perdera mais com isso do que o obscuro autor destas linhas."

Desamparado pelos próprios interessados no assunto, Silva Netto não pode concretizar seu louvável intento.

Por esse tempo, ele tinha escritório na antiga Rua do Hospício (hoje, Buenos Aires), n.º 82, associado com outro inteligente engenheiro, o Dr. Antonio Limpo de Abreu, filho do Visconde de Abaete, e que no governo de Floriano Peixoto ocuparia a pasta de Viação e Obras Públicas.

Dividindo a sua vida entre a profissão que lhe dava o sustento do corpo, e o ideal superior que lhe animava a alma, Silva Netto jamais teve em mira ocupar cargos ou posições de relevo, os quais não teria dificuldade em conseguir, pois que não lhe faltava o apoio de "padrinhos" influentes.

No marcante movimento republicano de 1870 forneceu Silva Netto preciosa colaboração, mas esse ideal, sonhado pela nova geração, teve de esperar o memento histórico de incorporar-se definitivamente a Nação brasileira; 15 de novembro de 1889!

O ESPIRITA:

Antonio da Silva Netto, antes de conhecer o Espiritismo, era um espirito de ideias independentes no que concerne a religiões.

Sem deixar de ser cristão, não se filiava, contudo, a nenhum grupo religiões, por observar em cada um deles falhas sensíveis de logica, que iam de encontro aos postulados científicos.

"Eu punha de parte, buscando segui-las, as máximas morais do Evangelho — dizia —, para ver no mais contido nele um tecido de embustes na altura de só enganar os bonzos e de entreter a credulidade das velhas beatas."

Os fenômenos bíblicos que a História registou, tidos pela Igreja como sobrenaturais e milagrosos, quais os que se acham narrados no Novo Testamento, Silva Netto não os aceitava, visto que OS não podia compreender a luz da Ciência.

Apesar desse descredito, decorrente em boa parte da filosofia positiva de que se embebera, pela leitura de obras francesas, — Silva Netto tinha sua vida toda ela orientada dentro da são princípios da moral crista, conforme o demonstram os escritos de sua autoria já por nos citados e comentados.

A doutrina de Augusto Comte não admitia nada que escapasse ao âmbito das leis da Natureza.

Porque o Espiritismo igualmente repudiasse o sobrenatural, arrolando os "milagres" e "prodígios" entre os fenômenos naturais, com explicação em certas leis até então ignoradas, com certeza foi por esse lado que Silva Netto, despertado por algum amigo — provavelmente o jovem engenheiro Dr. Francisco Siqueira Dias Sobrinho, que mesmo antes de 1870 já era espirita, ou, mais provável ainda, o político e poeta Bittencourt Sampaio, seu velho amigo de lides republicanas —, veio enfileirar-se entre os poucos estudiosos da Doutrina Espirita então existentes na Corte do Império.

Formavam um grupo de criteriosos observadores, cheios de boa vontade, animo forte e desprendimento, homens e mulheres que, por amor da Verdade, não temiam defrontar com as chacotas, ou arrostar a intolerância eclesiástica.

Conhecedor do Magnetismo, como o era Siqueira Dias, a essa ciência procurava Silva Netto relacionar tudo quanto de extraordinário vira e ouvira nas primeiras reuniões com ilustres amigos, também interessados na investigação e análise dos fenômenos da mediunidade.

Lado a lado sentavam-se os que já se haviam convencido da imortalidade da alma e sua manifestação post-mortem, e os que, como Silva Netto, buscavam essa certeza.

Reuniões continuas, na casa de um, na casa de outro, trouxeram a baila a necessidade de se formar um núcleo central, com diretoria e estatutos impressos.

O luminoso Espirito de Ismael, a quem fora confiada, nesta vasta terra brasileira, a nobre e árdua missão de semear as luzes do Consolador, incentivou aquela ideia no coração de meia dizia dos trabalhadores de maior boa vontade, e é assim que a 2

de Agosto de 1873, sob a égide e per inspiração de Ismael, ficou constituída no Rio de Janeiro a "Sociedade de Estudos Espiritos — GRUPO CONFÚCIO", a primeira nesta Capital, e a segunda no Brasil, nascida com o objetivo de propagar a Doutrina Espirita em todo o Império, orientando e unindo, ao demais, os pouquíssimos espiritistas existentes aqui e ali na antiga província "Nossa missão assim como a vossa, e de secundar toda, boa vontade. Disse o Cristo: "Quando vos reunirdes em meu nome, estarei no meio de vos." Se bem nos falecem as qualidades do Mestre, cumpre-nos o dever de assistir-vos, encorajar-vos e dizer-vos: Homens de boa vontade, que a fé, a caridade e a unido animem vossos corações a fim de que bons Espiritos sejam convosco.

Movidos desses verdadeiros sentimentos que esperamos morem em todos vos, vereis aumentadas as vossas forças, decuplicados os vossos meios de fazer o bem, e se tiverdes humildade, que vos permitirá reconhecer que tudo são dádivas do Pai celestial e não o efeito do merecimento que possais ter, bênçãos descerdo sobre vos, e sentireis a do Rio de Janeiro.

Estava assentada, nesta parte do Planeta, "a base da obra tangível e determinada de Ismael", que é a obra mesma do Mestre dos mestres.

No próprio dia de fundação do referido Grupo, num sábado de grandes festividades na Espiritualidade, pela médium Sra. Pimet foram recebidas duas mensagens, respectivamente do Espirito de Confúcio e do Espirito de Allan Kardec Por fazerem parte das primícias históricas do Espiritismo no Brasil, integrando-se, além disso, na biografia do pioneiro que analisamos, permitimo-nos transcrever essas duas páginas mediúnicas, a cuja simplicidade e redação se alia um fundo essencialmente moralizador e construtivo.

Confúcio, conforme esclarecimento que nos forneceu o Espirito de Humberto de Campos ventura de vos terdes empenhado na obra da regeneração, de terdes colaborado com a lei do progresso.

Coragem, fé, perseverança, e seremos sempre convosco. CONFUCIO guia protetor."

Terminada a recepção desta mensagem, a médium vidente do Grupo, Sra. Rosa, notou a presença de Allan Kardec, que sem dúvida fora convidado por Ismael para participar daquele evento de profunda significação para a propaganda da Terceira Revelação nas plagas brasileiras.

Havendo os assistentes manifestado o desejo de obter alguns conselhos da parte do venerável Codificador, este transmitiu, ainda pela médium Sra. Pimet, o que se segue: "Chamado ao vos somei-o, e para mim um prazer, tanto quanto um, dever, responder aos desejos benevolentes que manifestastes.

Que vos posso falar além do que expressou o elevado Espirito que acaba de vir encorajar-vos? Eu não o faria melhor. Dir-vos-ei, então, apenas isto: Trabalhar na vinha do Senhor levar aos vossos irmãos encarnados a coragem, a consolação, a resignação e sobretudo a esperança; e indicar a muitos de vossos irmãos desencarnados o caminho da felicidade do qual se apartaram.

Trabalhai, trabalhai, pois, incessantemente, sem interrupção; sereis assistidos, esclarecidos e abençoados. Allan Kardec ficou assim organizada; Dr. Francisco de

Siqueira Bias Sobrinho, presidente; Dr. Antonio da Silva Netto, vice-presidente; Dr. Joaquim Carlos Travassos, secretário geral; Eugenio Boulte, 2. ° secretario; Marcondes Pestana, »3. ° secretario; Casimir Lieutaud, tesoureiro; Dr. Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Sra. viúva Ferret Collard e Sra. Rosa Molteno, membros da chamada Comissão de exame, eleitos dentre os sócios titulares, pois que os havia "livres" e "correspondentes".

Iniciaram-se, após, as discussões em tomo do Regulamento pelo qual a Sociedade se orientaria.

Todos os itens apresentados foram aprovados unanimemente pelos membros fundadores, evidenciando a unidade de vistas e a coesão que ali se estabelecera, graças, sem dúvida, a ação benfazeja de Ismael.

O Regulamento, datado de 9 de Outubro de 1873, e publicado nesse mesmo ano pela "Tipografia da América, Rua da Assembleia n. º 36-A", rezava no artigo 1.° que a Sociedade tinha "por fim o estudo dos fenômenos relativos as manifestações espirítica, bem como o de suas aplicações as ciências morais, históricas e psicológicas".

O artigo 28 dizia que o Grupo seguiria OS princípios e as formalidades expostos n'O livro dos Espiritos e n'O Livro dos Médiuns, conformando-se com as diretrizes adotadas pela "Sociedade para a Continuação das Obras Espiritas de Allan Kardec", com sede em Paris e na época sob a esclarecida direção de P.O. Leymarie.

Regendo-se o Grupo Confúcio pela divisa:

Sem caridade não há salvação. Sem caridade não há verdadeiro espirita, divisa que era realmente posta em pratica pelos componentes da Sociedade, "memoráveis foram os trabalhos desta, aos quais compareceu pessoalmente o próprio Ismael, pela primeira vez, esclarecendo os grandes objetivos da sua elevada missão no pais do Cruzeiro". Aliás, o próprio Regulamento, ainda no citado artigo 28, frisava que o Espirito protetor do Grupo Confúcio era Ismael, "que os seus membros escolheram para seu guia espiritual".

Como já destacamos, Silva Netto, espirito positive per excelência, não aceitou de imediato a realidade da sobrevivência do ser pensante após a desorganização do veículo carnal.

"Comunicações dos Espiritos pelos médiuns; eu mesmo ensaiando a mediunidade e respondendo a perguntas mentais; a aparição de um Espirito familiar per duas vezes em minha casa; movimento de trastes; pancadas fortes, nada disso me havia convencido da minha Imortal individualidade!"

— Confessava ele num discurso proferido em 22 de agosto de 1874, no Grupo Confúcio, e o que é de se admirar, nem mesmo as obras básicas de Allan Kardec, que ele leu e releu, o convenceram de uma vida além-túmulo.

"Estudei com ardor — revelava ainda — os escritos de nosso mestre, e posto sentisse no, coração o balsamo suave da sublime filosofia espirita, não bastou ao meu espirito forte, ou, para melhor dizer, de trevas, a fe que as provas morais costumam dar as almas felizes."

E' de se admirar ainda mais, que um simples fato, a fotografia imperfeita de certo Espirito, que para muitos não teria importância, foi que, afinal, o arrancou daquele estado negativo.

Desde então se tornou o arauto destemido da Consoladora Mensagem que o Cristo fizera baixar a Terra.

Pela sua energia e humildade, pelos seus largos conhecimentos da Doutrina, pelo seu constante amor ao estudo, pela sua perfeita compreensão dos objetivos do Espiritismo, pela sua inquebrantável confiança na assistência dos Espiritos Superiores, salientou-se a figura de Silva Netto no respeito e na admiração de todos os companheiros.

Numa exposição datada de 11 de abril de 1874, a Diretoria do Grupo Confúcio, atendendo a um desejo da Revue Spirite pós os membros da "Societe pour la continuation des ouvires Spirite d'Allan Kardec" a par da fundação do referido Grupo, destacando-lhe as atividades até aquela data, conforme o trecho que se segue:

"Certamente recebereis com interesse a notícia de que ultimamente temos realizado algumas experiências de fotografia espirita, que não tem sido de todo em vão. Se bem essas experiências só imperfeitamente alcançaram êxito, sem dúvida por causa das condições pouco favoráveis em que nos encontrávamos, o pouco que obtivemos não nos arrefeceu a esperança na nova série que brevemente reencenaremos.

"Temos a dizer ainda que nos foi concedida Além disso, alguns membros da Sociedade, reunidos fora de nossas sessões, se tem dedicado, com o maior êxito, a cura de diversas obsessões, pela moralização dos Espiritos obsessores, e bem felizes se encontram por haverem também obtido a cura de mais de quarenta doentes, aplicando tratamentos aconselhados por seus protetores invisíveis.

"Afinal, o que e para todos no relevante motivo de encorajamento na tarefa que empreendemos, cujas inúmeras dificuldades não ignoramos, e a influência, relativamente considerável, que nossa Sociedade, ainda que de origem recente, exerce, apesar disso, no movimento espirita que se opera no seio da sociedade brasileira, notadamente no Rio de Janeiro.

"Esperamos que com o auxílio dos bons Espiritos, com o concurso dos homens de boa vontade, e graças a liberdade de imprensa de que aqui gozamos sem restrições, a propaganda tão propiciamente iniciada continue a desenvolver-se cada dia, sem obstáculos, e não tarde a chegar as províncias mais afastadas do Império, onde a brilhante e benfazeja luz do Espiritismo, este verdadeiro sol das almas, não pode ainda penetrar."

A Sociedade espirita parisiense expressa ao Grupo Confúcio seus sentimentos fraternais, manifestando, mais adiante, a admiração pelos obreiros espiritistas de além-Atlântico: "Honra aos homens de iniciativa que nesse vasto império se fazem servidores do progresso e da verdade."

Não podemos os adeptos de hoje aquilatar devidamente as dificuldades, os impedimentos e toda uma serie de obstáculos com que naqueles recuados tempos defrontaram os pioneiros do ideal espirita no Rio de Janeiro.

"Nem todos os espiritistas modernos — sublinhou o Espirito de Humberto de Campos, no livro que vimos citando em nota — conhecem 0 fecundo labor daqueles humildes arrotadores dos terrenos inférteis da sociedade humana. A realidade e que eles lutaram denodadamente contra a opinião hostil do tempo, contra o anátema, o insulto e o ridículo e, sobretudo, contra as ondas reacionárias das trevas do mundo invisível, para levantarem bem alto a bandeira de Ismael, como manancial de luz para todos os espiritos e de conforto para todos os corações."

Silva Netto, em agosto de 1874, e eleito presidente do Grupo Confúcio. Possuindo vasta cultura, profunda experiência da vida em diferentes setores, conhecimento adequado do Espiritismo, como já ressaltamos, além de outras nobres qualidades que o indicavam para a investidura daquele espinhoso cargo, foi ele escolhido por Ismael para substituir o Dr. Siqueira Dias, jovem entusiasmado e de boa vontade, mas a cujos 25 anos de idade ainda faltava suficiente experiência administrativa.

No discurso qua Silva Netto pronunciou ante os membros da Sociedade de Estudos Espiríticos — GRUPO CONFÚCIO, na sessão de 22 de agosto de 1874, está exposto com clareza e precisão o programa qua ele seguiria doravante.

Sem descurar a pratica da caridade, frisava, entretanto, que esta não era o caráter exclusive da Sociedade, como alguns lhe queriam emprestar. "A para encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade.

A ele estava reservada ainda outra tarefa de grande magnitude, que esperava apenas por um cidadão trabalhador e desassombrado.

O meio espirita brasileiro sentia a necessidade de um periódico que pusesse o público em geral a par do movimento que aqui e em outras partes do Globo se processava, pois, que até então não existia por estas bandas de ca, em nossa língua, livro algum sobre Espiritismo.

Eis que alguns companheiros de Silva Netto, vendo nele o homem talhado para semelhante empreendimento, escolheram-no para organizar e dirigir uma publicação espírita periódica.

Embora declarasse a pobreza de suas forças, aceitou a incumbência. Confiou-se ao amparo do Alto e pôs mãos à obra.

A 1. ° de janeiro de 1875 surgia, com júbilo geral, a "REVISTA ESPIRITA Publicação mensal de Estudos Psicológicos" — confeccionada nos moldes da Revue Spirits de Allan Kardec, conforme mostra o clichê aqui estampado, com o mesmo formato e quase que com OS mesmos dizeres do frontispício daquele venerando órgão francês.

Era a primeira folha espirita publicada no Rio de Janeiro e a segunda no Brasil, tendo sido, como sabemos, "O Eco d'Além-túmulo", periódico baiano, o vanguardeiro em todo o nosso território, pois que apareceu em julho de 1869. Torna-se interessante ressaltar que tanto uma quanto outra foram redigidas por dois filhos da grande terra bahiana.

Na brilhante "Introdução" com que apresenta o novo porta-voz do Espiritismo no Brasil, proclamava Silva Netto, entre outras coisas:

"Nos vimos neste memento tomar o último dos lugares na extensa legião dos pensadores, vimos também carregar o nosso grão de areia e colocá-lo na montanha que se ergue com indiscutível presteza, para do alto dela a Humanidade melhor contemplar os infinitos atributos de Deus." E mais adiante: "O nosso empenho e auxiliar os que

desejam ver o Espiritismo derramado nesta região da América. Sabemos a extensão da luta que temos de sustentar: de um lado, a ignorância, os preconceitos religiosos; de outro, OS pretensos sábios, os orgulhosos. Não importa; esforçar-nos-emos por bem merecer de Deus, e com certeza teremos o continue auxilio dos bons Espiritos."

A Revista Espirita compunha-se principalmente de artigos extraídos da Revue Spirite e de mais alguns jornais estrangeiros, além de trechos das obras básicas de Kardec, nos quais se encontravam expostos os princípios da Doutrina.

Por vezes esses extratos recebiam comentários elucidativos.

Pois o primeiro número dessa revista que, na pag. 38, sob a epigrafe "O Livro dos Espiritos", noticiou o aparecimento da dita obra Kardequiana, em tradução brasileira do Dr. Joaquim Carlos Travassos, editada pelo livreiro B. L. Garnier, do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo número da Revista, Silva Netto inicia uma série de artigos (o primeiro intitulado "O Dicionário de Mauricio Lachatre" e OS outros, "A Loucura") em resposta as mentirosas e caluniosas palavras que infeliz folhetinista do "Jornal do Commercio "de 13/12/1874 lançou sobre o Espiritismo e os espiritas. Esse folhetinista, escorregando sua pena em terreno dele inteiramente desconhecido, iniciava seu escrito injurioso, alertando a Policia que a influência do Espiritismo se generalizava "de modo assustador", produzindo loucos na sua investida.

"E' uma epidemia — acrescentava: — mais perigosa que a febre amarela." E referindo-se aos livros espiritas, escrevia com incrível audácia essa aberração, esse despautério: ... "são na maioria dos cases a arte de haver o dinheiro alheio."

Essas e outras coisas que mancharam o tal Folhetim do "Jornal do Commercio" receberam peremptória resposta do Dr. Silva Netto, aí falando mais alto os fatos que as palavras.

No número de junho de 1875 da "Revista Espirita", pags. 198-200, Silva Netto toma a sair em defesa, agora d'O Livro dos Espiritos, contra um artigo publicado no jornal "Novo Mundo", e o fez brilhantemente em poucas palavras, como 03 leitores poderão ver, se o desejarem, em "Reformador" de 1954, pags. 77-78.

O primeiro número do mensário espirita carioca, Silva Netto o remeteu a Sociedade que então centralizava o movimento espiritista na França, juntamente com a seguinte missiva:

"Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1875.

Sr. Leymarie,

Fago questão de oferecer, aos nossos irmãos em Doutrina da "Sociedade para a Continuação das Obras Espiritas de Allan Kardec", o primeiro número da revista que publicamos nessa Capital do Brasil. Sei do pouco valor desta oferta, mas pelo menos servira ela para provar, materialmente, que a Doutrina Espirita está aqui em bom caminho.

Seu devotado irmão em crença, A. da Silva Netto."

A referida Sociedade de Paris, através da Revue Spirite, saúda o "recém-nascido" órgão do Espiritismo brasileiro, estendendo a saudação aos "amigos e irmãos do Brasil".

Mais tarde o Dr. Netto, aproveitando a viagem do Sr. Morin, membro do Grupo Confúcio, a Paris, remoto por intermedia deste, aquela Sociedade, os números subsequentes da "Revista Espirita".

Os espiritistas da Franga de Kardec ficariam, assim, bem ao par do movimento que com tanta abnegação e entusiasmo se processava nesta parte da América do Sul.

Foi com pesar geral que a partir do sexto número, por causas adversas que desconhecemos, mas certamente intransponíveis, a "Revista Espirita" de Silva Netto não mais apareceu...

Teve a duração e o brilho de um bólide rasgando as sombras do ambiente religioso destas terras de Cabral.

Os números publicados, reunidos, deram um volume de 204 páginas, que ainda por algum tempo pode ser adquirido por estudiosos do Espiritismo. Somente mais tarde, em 1. ° de janeiro de 1881, nasceria outra publicação semelhante, editada pela Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.

Como diz Pedro Richard, o Grupo Confúcio "fez o que pode, mas, como poucos eram OS obreiros e estreito o círculo dentro do qual agiam, curto foi também o sem raio de ação".

Por ele, na sua existência de maior produtividade, passaram, conforme nos conta o Dr. Canuto Abreu, "quase todos os curiosos e crentes da época, e muitos vieram de longe".

"Alguns dos seus membros — informa ainda esse douto espirita de S. Paulo — tornaram-se mesmo, com o tempo, notáveis médiuns curadores, que só empregavam a homeopatia", sobressaindo nesse mister Bittencourt Sampaio e Joaquim Carlos Travassos, sendo as principais receitas espiritas inspiradas por Joao Vicente Martins e Bento Mure, os dois grandes vultos homeopatas que trabalharam em nosso País.

Se o Grupo Confúcio não produziu mais, foi porque o demônio do desentendimento ali se insinuou sorrateiramente, dividindo e enfraquecendo.

Silva Netto, no discurso a que nos referimos atrás, pronunciado em 1874; já entrevia esse estado de coisas, chamando a atenção para a grave responsabilidade que pesa sobre os espiritas que praticarem atos que embraceire a propaganda da Doutrina; e, lembrando a necessidade da união entre os obreiros, dizia: "Tenho fé que, animados de boa vontade, faremos muita coisa no meio da sociedade em que vivemos, principalmente havendo entre nós união e fraternidade."

Estes dois importantíssimos elementos foram, contudo, um tanto relaxados posteriormente, o que deu em resultado o estacionamento do Grupo Confúcio.

O tempo urgia, e Ismael, "entendendo que a propaganda necessitava de maior esfera de irradiação", a fim de ele continuar a sua relevante obra no Brasil, reuniu novo grupo de trabalhadores e fundou, em 23 de Margo de 1876, a "Sociedade de Estudos Espiritas Deus, Cristo e Caridade", sob a orientação de Bittencourt Sampaio.

O Grupo Confúcio, todavia, só desapareceu definitivamente em 3 de outubro de 1879, quando então se fundiu a três outras Instituições (Sociedade de Estudos Espiritas Deus, Cristo e Caridade, Congregação Espirita Anjo Ismael e Grupo Espirita-Caridade) para formarem a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, que, se trouxe males, trouxe também — diga-se com justiça — benefícios inúmeros para o Espiritismo no Brasil.

Ao venerando Grupo Confúcio, cumpre-nos frisar, todos os espiritas brasileiros devemos, entretanto, inestimáveis serviços de repercussão até os dias atuais, como os que se seguem:

A primeira revelação do Guia do Espiritismo no Brasil; a primeira assistência gratuita homeopática; as primeiras sessões de doutrinação de Espiritos; a primeira tradução das obras de Kardec; indiretamente, a conversão de Bezerra de Menezes; a primeira entidade organizada com o objetivo de orientar e incentivar o movimento geral em nosso Pais; a primeira, na Capital brasileira, a publicar um periódico espirita.

Por esses e outros grandiosos serviços prestados ao Espiritismo no Brasil, e porque ali fora desfraldada, em primeiro lugar, a gloriosa bandeira Deus, Cristo e

Caridade há muito tremulante sobre a Federação Espirita Brasileira, onde — segundo as palavras do Espirito de Humberto de Campos — esta "localizada a sede diretora, no piano tangível, dos trabalhos da obra de Ismael no Brasil", — por tudo isso merece o GRUPO CONFÚCIO, em todos os tempos, a mais sincera admiração e profunda gratidão dos espiritistas de norte a sul do País.

Desconhecemos as atividades espiritas de Silva Netto no decênio que se seguiu ao ano de 1875.

Estamos, agora, em 1886.

Promovidas pela Federação Espirita Brasileira, vinham sendo realizadas memoráveis conferencias espiritas públicas, desde 17 de agosto de 1885. A princípio, na própria sede da Sociedade, então localizada a rua da Alfandega n. º 153; depois, a partir de 1. ° de julho de 1886, no então maior auditório do Rio de Janeiro, na rua do Senador Dantas — o chamado Salão da Guarda Velha.

Espiritistas dos mais representativos no movimento da Corte — como o latinista e filólogo Dr. Antonio de Castro Lopes, o advogado e jornalista Dr. Henrique Antão de Vasconcelos, o médico e deputado Dr. Adolfo Bezerra de Menezes — entusiasmavam as multidões que acorriam ao salão da Guarda Velha, sequiosas de ouvirem a palavra esclarecedora de tão grandes e respeitáveis paladinos da Verdade, ou sem outro motive que o da simples curiosidade. Quer uns, quer outros ouvintes, todos saiam satisfeitos, transformados, e por isso o salão da rua Senador Dantas permanecia sempre cheio nas noites de reunião.

A fama dessas conferencias públicas na verdade já era conhecida desde o ano anterior, quando elas eram feitas da tribuna da FEB, que recebeu a destacada colaboração de vultos como o Major Ewerton Quadros, o Dr. Antonio Pinheiro Guedes, o Dr. Siqueira Dias, Manuel Fernandes Figueira, Manuel Rodrigues Fortes, Augusto Elias da Silva, Dr. Dias da Cruz, Carlos Joaquim de Lima e Cirne e o Dr. Castro Lopes.

A voz eloquente de todos esses intrépidos propagadores da Terceira Revelação, que não temeram afrontar o ridículo com que era então hostilizado o Espiritismo, se uniu a de Antonio da Silva Netto, em 15 de setembro de 1886, data em que aquele respeitável pioneiro assomava a tribuna do vasto salão da Guarda Velha.

Bezerra de Menezes acabara de alcançar estrondoso êxito com a conferencia que pronunciara.

Grande fora a repercussão em todos os meios sociais, crescendo a curiosidade em torno do que se pregava naquelas reuniões públicas.

A fim de que menor não fosse o brilho da próxima conferência, para realiza-la convidou a diretoria da FEB o Dr. Silva Netto, cuja cultura geral e profundos conhecimentos do Espiritismo se aliavam a um nome já conhecido e apreciado fora dos arraiais espiritistas.

Numerosa assistência, conforme escrevera o "Reformador" da época, aguardava a palavra do ilustrado orador.

A longa conferencia girou sobre o Espiritismo nos seus diversos aspectos, evidenciando o Autor dilatados conhecimentos de Literatura Geral, Ciência, Filosofia e Religião. Os principais pontos doutrinários do Espiritismo foram elevada e ponderadamente estudados, ora lembrando ele a necessidade de tolerância para os negativistas radicais; ora separando, com ciência e admirável discernimento, o campo das alucinações do das verdadeiras manifestações espirítica; ora evidenciando, através dos estudos paleontológicos, a evolução do ser humano pelos milênios de milênios afora; ora demonstrando com fatos a lei das reencarnações; ora aconselhando os espiritas a serem cautelosos em suas asseverações acerca dos fenômenos que observarem ou que deles tiverem conhecimento; ora debatendo as teorias que pretendem explicar os fenômenos psíquicos, sem a intervenção dos Espiritos; ora chamando a atenção dos correligionários futuros para que o Espiritismo não se transformasse em seita religiosa, envolta no misticismo dogmático, e não se fundasse, com isto, uma igreja, que viria — segundo suas palavras — "embargar a solidariedade humana".

Sobre esta questão, Silva Netto forneceu este esclarecimento: "Senhores, eu compreendo que a palavra religião possa ser aplicada ao Espiritismo, no sentido de comunicação das almas entre si e diretamente com a alma divina no seio da Harmonia universal, porém, no sentido místico ou vulgar, por forma alguma. Contra o sentido místico e vulgar protestam as palavras do Imortal coligido da Doutrina Espirita."

O orador procurou firmar, além disso, com provas colhidas no estudo da natureza humana.

não só a possibilidade como a realidade da intercomunicação dos vivos com os mortos.

A citação de trechos d “O Livro dos Espíritos" contra a escravatura, cuja abolição no Brasil ele tinha esperança de ver realizada por D. Pedro II, fechou brilhantemente a conferencia, atraindo simpatias muitas para a nova Revelação.

Uma salva de aplausos recebeu o culto orador, ao descer da tribuna do Salão da Guarda Velha.

O "Reformador" de 1. ° de janeiro de 1887 iniciou a publicação desse trabalho espirita do Dr. Silva Netto, continuando-o por vários meses seguidos.

Ainda em 1886, falaram mais dois ilustres pioneiros naquela tribuna: o jornalista e poeta Júlio Cesar Leal e o engenheiro Dr. Siqueira Dias.

No ano de 1887, o Dr. Ramos Nogueira abre novo ciclo de conferencias, seguindo-se a ele o Dr. Castro Lopes e, novamente, aos 16 de agosto, o Dr. Antonio da Silva Netto.

Este orador, baseando-se nas modernas aquisições da Ciência, hauridas sobretudo no livro do Padre Secchi — "Unidade das forças físicas", tratou da Criação; da formação e evolução dos povos; dos diferentes estados da Matéria, inclusive o "estado radiante" de Crookes; das forças físicas; do verdadeiro sentido do vocábulo imaterial; da constituição dos Espiritos, tudo relacionando com os ensinos dados pelos Espiritos a Kardec, numa exposição clara e convincente, conseguindo sair-se com rara felicidade dos assuntos em pauta.

Terminou sua preleção, mostrando a importância da Ciência, do Saber na aproximação do homem a Deus.

Esse trabalho foi também publicado no "Reformador", a principiar de 1.° de Setembro de 1887, e tanto este quanto o primeiro chegaram a ser até impressos em separata.

Nesse tempo, Silva Netto já sentia os efeitos de moléstia que o impediria de maiores esforços futures, e ao que parece ela era de certa gravidade, tanto que, no final da conferência de 1886, ele anunciava as parcas esperanças de viver por muito tempo.

Assim mesmo, quis o Destine que se adiasse a partida daquele "membro prestimoso da Federação Espirita Brasileira", segundo a expressão de um dos grandes fundadores e trabalhadores da Casa de Ismael: Manuel Fernandes Figueira.

Por muitos anos ainda Silva Netto fez o que pode a benefício do próximo, e graças as luzes do Espiritismo soube suportar "com humildade e paciência invejáveis as provações e sofrimentos de longa enfermidade".

Com o advento da República, bem poderia ter ocupado, por juste e real mérito, elevados cargos públicos, mas as grandezas do Mundo, se antes o não preocupavam, agora, então, muito menos.

Acabou no modesto posto de chefe de seção da Repartição Geral de Estatística, onde prestou seus melhores serviços, até quando lhe permitiram suas forças, provavelmente até fins de 1903.

Nesta época, parecendo-lhe estar prestes a sua partida deste Mundo, Silva Netto escreveu uma declaração para ser aberta pelos diretores da Federação Espirita Brasileira, logo após o seu trespasse, documento que ficou aos cuidados de Manuel Fernandes Figueira.

Quiseram mais uma vez as Parcas prorrogar o desenlace final. O martírio do grande pioneiro espirita só veio a findar em 5 de setembro de 1905. Uma pneumonia dupla arrebatou-lhe, então, o ultimo sopro de vida, aos 69 anos de idade.

No dia seis, as 16 horas, seus despojos carnais deixavam a rua do Governo, no Realengo (onde o extinto morava havia muito tempo), rumo ao cemitério do mesmo local.

O enterro decorreu com a maior simplicidade possível, aliás, de perfeito acordo com os desejos reiteradamente manifestados por Silva Netto a esposa, bem como na declaração deixada, havia dois anos, para os "amigos" da Federação.

Grande número de pessoas, de todas as classes sociais, compareceram ao cemitério do Realengo, conforme nos conta Fernandes Figueira, e este mesmo teve a oportunidade de testemunhar a beleza singela e tocante daquelas exéquias.

Um fato digno de ser imitado pelas gerações presentes e futuras, salientou-o Fernandes Figueira nesse trecho de sua carta enviada a Leopoldo Cirne, então presidente da FEB: "... seu tema esposa, apesar de enferma, nesse angustioso transe deu a mais solene prova de virtudes que exornam a sua alma, não abatendo o ânimo em vastas lamentações,

mas, ao contrário, portando-se como verdadeira espirita, crente de que o fiel companheiro de tantos anos desaparecera, mas não se ausentara."

Silva Netto, entre as suas últimas vontades, legou sua biblioteca ao seu velho amigo Manuel Fernandes Figueira, com a condição de este retirar as obras que lhe conviessem, entregando as demais a Federação Espirita Brasileira, Casa que ele admirava pelos relevantes trabalhos já realizados a bem do Espiritismo.

Eis que chegamos ao termino desses apontamentos biográficos, e para encerra-los cremos nada melhor que transcrever esse trecho que Silva Netto escreveu há oitenta e um anos, e que precisa ser meditado devidamente por todos nós: o que caracteriza o espirita não e só a certeza física da existência desse novo mundo, ou, para melhor dizer, desse mundo velho como a eternidade, e que só agora caiu debaixo da nossa observação, e sim a prática da moral emanada das relações estabelecidas com ele."

(Fonte: Reformador, 1955.)